

BI

BOLETIM INFORMATIVO

201

4º trimestre 2016

O Sentido da Vida

Mário da Silva Moura

Curiosidades

*Os Salários
dos **Professores***

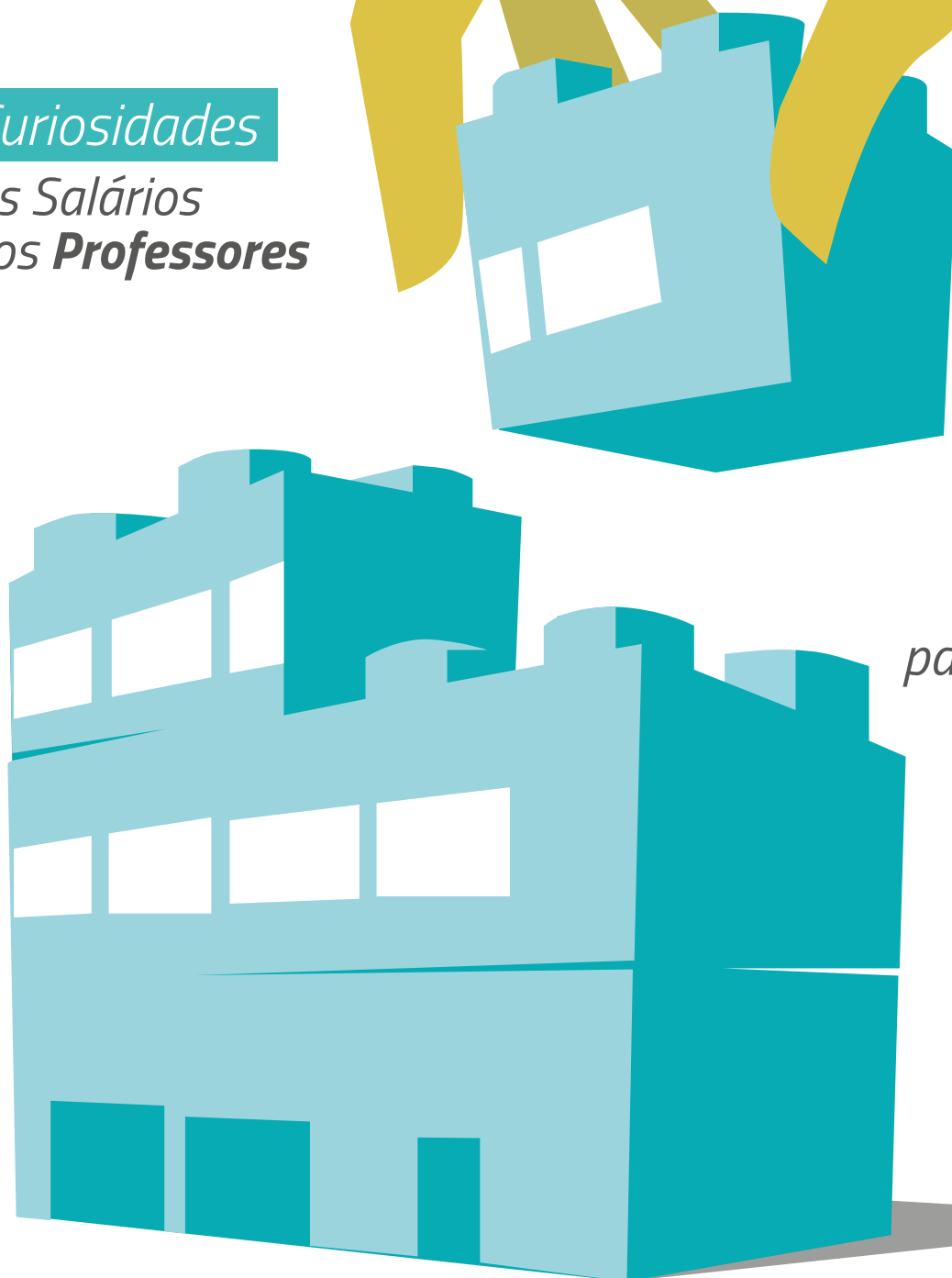
Delegações

*Direcção
Nacional*

*Elementos
para um **Balanço**
de Dez Meses
de Mandato*

Info

*Notícias da
Associação*





Nesta edição

<i>Editorial</i>	3
<i>Delegações</i>	4
<i>O Sentido da Vida</i> <i>por Mário da Silva Moura</i>	11
<i>Direcção Nacional</i> <i>Elementos para um Balanço</i> <i>de Dez Meses de Mandato</i>	12
<i>Delegações</i>	14
<i>Curiosidades</i> <i>Os Salários dos Professores</i>	17
<i>Delegações</i>	18
<i>Info</i>	23

Residências Sénior (ERI) Casas dos Professores



Aveiro

Rua Nova, 50, Santiago-Glória
3810-370 Aveiro
Tel. 234 373 230



Carcavelos

Rua Pedro Álvares Cabral, 150
2775-615 Carcavelos
Tel. 214 584 400



Porto

Est. Interior da Circunvalação,
3201 - 4305-111 Porto
Tel. 225 106 270



Setúbal

Avenida António Sérgio, 1
2910-404 Setúbal
Tel. 265 719 850

Delegações

AÇORES

Praça da Autonomia Constitucional, 7, Paim
9500-787 Ponta Delgada
Tel./Fax 296 286 034
d.acores@assp.pt

ALGARVE

Rua Engº Aboim Sande Lemos, 14, R/C
8000-544 Faro
Tel./Fax 289 824 822 | d.algarve@assp.pt
Casa em Pechão
Tel. 289 723 744

AVEIRO

Rua Nova, 50, Santiago-Glória
3810-370 Aveiro
Tel. 234 373 230 | Fax 234 348 446
Tlm. 963 767 425
d.aveiro@assp.pt

BEJA

Rua Infante D. Henrique,
Edif. Escola Primária N.º 4
7800-318 Beja
Tel. 284 087 018 | Tlm. 960 195 118
969 172 537
d.beja@assp.pt

COIMBRA

Travessa dos Combatentes da Grande Guerra,
3 3030-181 Coimbra
Tel./Fax 239 483 952
d.coimbra@assp.pt

ÉVORA

Rua Chafariz D'El Rei, 31
7005-323 Évora
Tel./Fax 266 709 477 | Tlm. 967 804 246
d.evora@assp.pt

GUIMARÃES

Rua Alto da Bandeira, 23
4835-014 Creixomil
Tel. 253 512 369 | Tlm. 967 532 787
d.guimaraes@assp.pt

LEIRIA

Av. Combatentes Grande Guerra, 65, 1º Esq.
2400-123 Leiria
Tel./Fax 244 813 492 | Tlm. 966 260 077
d.leiria@assp.pt

LISBOA

Rua D. Dinis, 4, I 1250-077 Lisboa
Tel. 213 700 330 | Fax 213 700 338
d.lisboa@assp.pt

MADEIRA

Rampa do Forte, 2 - Santa Maria Maior
9060-122 Funchal
Tel. 291 229 963 | Fax 291 282 546
d.madeira@assp.pt

PORTALEGRE

Rua Capitão José Cândido Martinó, 1
7300-295 Portalegre
Tel./Fax 245 331 612
d.portalegre@assp.pt

PORTO - NOVAS INSTALAÇÕES

Praça General Humberto Delgado, nº 267,
salas 9, 10 e 11
4000-288 Porto
Tel. 929 030 804 (provisório)
d.porto@assp.pt
Núcleo de V. Nova de Gaia
Rua Paula Vicente, 30,
4400-243 Vila Nova de Gaia

SANTARÉM

Rua Luíz Montez Matoso, 38
2005-145 Santarém
Tel./Fax 243 322 212
d.santarem@assp.pt

SETÚBAL

Avenida António Sérgio, 1
2910-404 Setúbal
Tel. 265 719 850 | Fax 265 719 851
d.setubal@assp.pt

VISEU

Rua 21 de Agosto, Edifício Viriato, BL 5A - 1º A
3510-120 Viséu
Tel. 232 449 099 | Tlm. 925 321 167
d.viseu@assp.pt

Sede Nacional



SERVIÇOS CENTRAIS

Largo do Monte, 1 | 1170-253 Lisboa
Tel. 218 155 466 | 218 888 428
Fax 218 126 840
www.assp.pt | info@assp.pt
Seg. a Sex. 9.00-17.30h

ASSP, o que é?



Ana Maria Morais
Presidente da Direcção Nacional da ASSP

A ASSP é um património, simbólico e real, criado por Professores integrados num Projecto centrado na Solidariedade.

O conjunto de Associados da ASSP herdou esse património e simultaneamente a missão de dar expressão ao conceito de Solidariedade nas suas múltiplas e possíveis vertentes.

Quanto mais diversificado for aquele conjunto mais amplas serão as capacidades de realização do Projecto e mais expressivas as adaptações a novas condições do meio envolvente.

Talvez o primeiro grande movimento de adaptação possa ser situado na criação das Delegações que significaram o assumir das características locais à identidade do Projecto que se queria nacional.

É na diversidade do universo dos Professores que se deve assegurar os meios de subsistência, o desenvolvimento e as novas dimensões

nas quais a ASSP terá que estar obrigatoriamente presente.

Como património simbólico a herança da ASSP radica-se na cultura.

Cultura onde residem a capacidade de reflexão, o planeamento estratégico e a definição precisa, mas alargada, da missão que preside ao Projecto de Identidade, infra-estrutura da ASSP.

Pensar a missão é pensar os passos estratégicos para a conseguir concretizar.

Pensar a missão é pensar como encontrar as formas de poder que permitam a sua realização.

A missão deve integrar os mais importantes elementos da Identidade da ASSP, aqueles que dão estrutura ao Projecto, constroem valores e dão sentido à sua existência.

Ana Maria Morais

Ficha Técnica

DIRECTOR

Ana Maria Morais

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo do Monte n.º 1 - 1170-253 Lisboa

Tel. 218 155 466 / Fax 218 126 840

info@assp.pt / www.assp.pt

PROPRIEDADE

Associação de Solidariedade Social
dos Professores

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria Margarida Sousa

CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Sandro Costa

IMPRESSÃO

Finepaper - Rua do Crucifixo, n.º 32 - 1100-183 Lisboa

REDACÇÃO

Largo do Monte n.º 1 - 1170-253 Lisboa

assp.comunicacao@gmail.com

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS ASSOCIADOS

Inscrição na DGCS 11 1841/86

Depósito Legal 36086/90

Número Avulso 0,50 €

Assinatura anual solidária 10,00€

Tiragem (n.º exemplares) 10 500

NOTA

A adopção do Novo Acordo Ortográfico é da
responsabilidade dos autores.

Ser professor é ser nobre...

A ASSP define-se pela força de um grupo de pessoas que se norteia por uma missão baseada em determinados princípios. É um *todo* composto pelos ideais, pelo dinamismo e pela energia associativa de cada delegação.

As delegações ao concretizarem os seus projetos, valorizando os associados, fazem crescer e enriquecer o *todo* da associação, um todo que sente e vive, que participa e se envolve.

Foi este o sentir da Delegação Açores no momento da oração dos fiéis que marcou, de

forma indelével, o ato litúrgico celebrado pela intenção de todos os professores, alunos e suas famílias, aquando do início do ano lectivo, no passado dia 1 de outubro.

Esta oração tecida pela mão de Emanuel Jorge Botelho (associado nº 18000) e dita de forma expressiva na voz de Lorena Botelho (associada nº 17999) despertou a consciência do valor do *indivíduo* como parte de um *grupo* que fortalece o *todo*, razão, esta, que nos levou a querer partilhá-la neste espaço informativo.



"Pelas crianças e jovens que agora iniciam mais um ano de labuta escolar. Para que Jesus lhes ensine a caligrafia da bondade, do saber e da alegria.

Pelos pais que, com eles diariamente repartem o pão, o sonho e a esperança. Para que Jesus os ampare e ilumine em cada conselho e em cada ensinamento.

Pelos pais, que todos os dias, sentem a dor de pouco ter para dar. Para que Jesus venha em seu auxílio e os ajude a ter da vida o que da vida também é seu.

Pelos professores que todos os dias, com carinho e trabalho árduo, cobrem de nobreza a sua profissão. Para que Jesus lhes dê muito amparo, luz de alma e clarividência.

Por todos quantos se entregaram à função docente e gozam, agora, de um descanso merecido e reparador. Para que Jesus tome conta do seu dia-a-dia e lhes traga conforto, saúde, sorte e alegria.

Por todos os docentes que já entregaram o seu corpo ao descanso eterno. Para que Jesus seja o regaço das suas almas e a voz que os escuta no silêncio do Céu.

Por todos nós aqui reunidos e pelos nossos familiares. Para que Jesus conforte as nossas horas e permita que a paz adoce os nossos corações."

O Algarve não é só sol e mar

Olhão... Terra de pescadores e lendas.

«Terra aonde nasci, havia, movimentada,
Velha amiga do mar, minha terra arrojada,
Onde nunca o valor se extingue e se *destroe*,
Branca filha de *heroes*, mãe de tanto *heroe*...»

Conta-se que, marítimos de Ílhavo e Ovar, partiram para sul à procura de um lugar onde se fixassem.

Encontraram mar calmo, muito peixe um grande "olho", de água doce e pararam. Juntaram-se naturais que viviam nos campos e nasceu o lugar de *Olham*.

Viviam nas cabanas da Ria Formosa depois transformadas em casas de "pedra e cal", com a sua açoteia e um mirante em tudo semelhantes às casas do norte de África onde iam pescar. Daí dizer-se que "é a terra mais mourisca da Europa". Nasceu a Barreta com travessas, becos e largos.

Diz Almeida Garret que "os homens de Ílhavo passam por descendentes da raça Pelágica" – a mais valente – e entre os primeiros habitantes do sítio de *Olham* se encontravam marítimos dessa raça. Diz Ataíde de Oliveira - «O marítimo de Olhão é livre como a águia no ar, valente e audaz como o leão, sagaz como a raposa». Gosta de conversar e rir.

Diz-se: Em Olhão há que conversar, desconversar e *entrapalhar*.

Hábeis marinheiros guiavam-se pelas correntes, astros e até pelo cheiro. Diziam que para fisgar o peixe não precisavam da «*sabença dos livros*». Esta gente que não «*arreceia*» o mar tem um dialecto próprio. Numa ida ao Jardim Zoológico diz um filho de Olhão perante uma avestruz: «*Mó más que megalha de galinha*». Um marítimo explica ao outro porque chove tanto:



- «*Não vês tu cagente cá neste munde diz muntas bentedades e Nosso Senhor, chateia-se e conte tá munto chateado embirra os peses à parede e vá de dêtar baldes de água pelos embornais, cá prá bacho. Tás vende?*»

Terra de heróis – Patrão Joaquim Lopes, Dr. Estevam Afonso que arriscaram a vida para salvar a dos outros. Até tem o seu "cão de água", que salta do barco para o mar e apanha o peixe que foge da rede, nada horas com o dono desmaido, preso entre os dentes, (valente Picão), e avisa quando há tubarões por perto.

Lugar de *Olham*, aldeia de Olhão, vila de Olhão da Restauração pelo patriotismo e valentia quando no pequeno caíque "Bom Sucesso" venceram o Atlântico para ir ao Brasil comunicar ao Rei que o País estava livre das tropas napoleónicas.

Hoje, cidade de Olhão.

João Lúcio continua:

- "Eu nasci numa terra audaz de marinheiros.
Gente de seismo doce e perfis trigueiros.
(...)
Olhos quentes de sonho e de rude bravura.
A fonte franca, o riso fresco, a barba escura."

Vamos pensar nisto?

Decorridos quase oito anos após a inauguração da Casa do Professor de Aveiro, importa reflectir sobre este serviço que a ASSP presta aos seus associados.

A defesa da Carta dos Direitos Humanos e a preservação da dignidade humana até aos últimos dias de existência do ser humano serão, como disse António Guterres, o "âmago do nosso trabalho". O envelhecimento activo dos nossos associados, professores que, ao longo da vida, prestaram à sociedade relevantes serviços em prol da educação e da cidadania, merece toda a atenção e o maior empenhamento. As residências para os associados da ASSP não podem ser meros depósitos de pessoas ou um cais degradado de embarque para a outra margem. Têm que lhes oferecer a dignidade a que têm direito, que lhes prestar o respeito que lhes é devido. Porém, as condições de quem envelhece não são progra-

mas. As principais faculdades vão-se perdendo até que, na maior parte dos casos, a noção da realidade dilui-se e a simples espera é inevitável. Um corpo de técnicos especializados terá que assegurar até ao último momento os cuidados necessários à dignificação humana.

Surge então um outro problema inscrito na gestão das nossas residências. Gerir implica conhecimentos específicos. Implica compatibilizar noções de economia com prestação de serviços adequados. Nem sempre as Direcções das Delegações estão preparadas para a aplicação desses conceitos. A sua disponibilidade, apesar de voluntária, exige muito mais do que aquilo para que se encontram preparados. Construir uma residência hoje ou mesmo, mantê-la de forma sustentável, implica enorme esforço financeiro e técnico e fica disponível apenas para uma minoria de associados.

Mas a Missão da ASSP é clara: "apoiar professores, cidadãos, em situação de carência". Há 35 anos, quando a Associação foi criada, as condições de vida, as necessidades, eram diferentes das de hoje. O que era mais importante então foi deferido para outros patamares, mas os direitos dos associados continuam e terão que ser garantidos. Que fazer?

É urgente a necessidade de se reverem as actuais propostas de apoio. Nas residências, o apoio é prestado apenas a pequenos grupos. Têm que se procurar formas de acompanhamento mais abrangentes e possíveis de serem prestadas a um maior número de pessoas. Outras instituições já estão a apostar noutras alternativas. A ASSP não pode perder esse navio. Tem que embarcar de forma a não desvirtuar o nobre destino para que foi criada, a solidariedade para com **todos** os Associados.



Odemira um Alentejo singular

Uma lenda com mais de três séculos procura dar explicação ao nome de Odemira: «dizem que tomou o nome de Ode no tempo dos Mouros, que Ode era um alcaide do seu castelo, a quem sua mulher, vendo vir o Exército d'el Rey D. Afonso Henriques, lhe começou a gritar: Ode mira para os inimigos, donde vem sobre nós!».

(...)

Na verdade, o nome Odemira pouco tem a ver com tal episódio lendário, pois resulta da adição do prefixo de língua árabe ode, que se traduz por rio (wad), ao vocábulo pré-romano mira que também indicava rio ou ria. Odemira significa, portanto, rio-rio na união de dois idiomas antigos falados neste território.

Jorge Vilhena
(arqueólogo)

O concelho de Odemira, o maior em área do país, caracteriza-se pela sua diversidade: praia, planície, serra, rio, barragem, tradição, património e gastronomia.

Ao longo de 55 km de costa, em pleno Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, encontram-se as "Melhores Praias de Portugal", portinhos de pesca artesanal e o imponente Cabo Sardão.

Quem visitar o interior odemirense encontra uma vasta beleza paisagística para explorar. Caminhar na serra ou na várzea, descobrir os moinhos, subir o rio Mira, desfrutar do espelho de água da Barragem de Santa Clara ou explorar as aldeias brancas são apenas algumas sugestões.

O concelho de Odemira é destino de excelência para quem procura atividades na natureza: surf, bodyboard, mergulho, canoa-gem, caminhadas, BTT e observação de aves. O artesanato também tem aqui um forte dinamismo, com dezenas de artesãos a trabalhar as artes e ofícios. Mas também de modernidade se faz Odemira, que recebe anualmente um dos melhores festivais do país, o Festival Sudoeste.

Venha à descoberta de Odemira e deixe-se levar por caminhos entre o mar e a serra.

(Colaboração da Câmara Municipal de Odemira)



Uma rota no Douro

Integrado no Plano de Actividades para 2016-2017 da Delegação de Coimbra da ASSP, realizou-se nos dias 30 de Setembro e 1 de Outubro um passeio designado por Rota do Douro.

Os participantes saíram de Coimbra às 05:30 com destino ao Cais da Estiva, na cidade do Porto, onde iniciaram o cruzeiro fluvial até Barca d'Alva. Instalados no barco e servido o pequeno-almoço, iniciou-se a viagem programada. Se as largas janelas da embarcação permitiam já uma visão ampla das



encostas, a maioria das pessoas acabou por subir para a parte superior do barco de onde se podiam desfrutar soberbas paisagens, enquanto se ouviam infor-

mações sobre as diversas pontes e povoações ribeirinhas. Ao passarem pelas eclusas de Crestuma-Lever e do Carrapatelo, puderam observar o funcionamento dos seus mecanismos.

Ao longo da viagem, eram visíveis várias quintas, dedicadas à cultura da vinha, muito bem cuidadas.

Após o almoço a bordo e a chegada à Régua, o grupo dirigiu-se para a Quinta do Seixo, onde lhe foram prestadas informações sobre a sua história e as variedades de vinhos nela produzidos. Aí visitou também os lagares onde as uvas são mecanicamente pisadas, sem a tradicional intervenção de pés



humanos, e ainda as instalações destinadas ao armazenamento dos vinhos. Depois de uma prova de vinhos da propriedade e da contemplação de uma paisagem magnífica, o mesmo grupo dirigiu-se para o Hotel Lamego onde ficou instalado. O jantar foi muito agradável; a noite, bem dormida e bem mais longa do que a anterior.

De manhã, pelas 07:30, partiram todos para o Cais da Régua, a fim de retomarem o cruzeiro até Barca d'Alva. No percurso, transpuseram mais três eclusas, a de Bagaúste, da Valeira e do Pocinho. A paisagem foi-se alterando, e os socos, plantados de vinha e dispostos de forma harmoniosa, foram sendo substituídos por margens rochosas e escassa vegetação.

Em Barca d'Alva, esperava já o autocarro para transportar todo o grupo de volta a Coimbra.

O passeio decorreu de forma aprazível, proporcionando a todos inesquecíveis momentos de convívio e de comunhão com a natureza, diversa e única, das paisagens durienses.

Garcia de Resende (1475?-1536)

Algumas notas biográficas a propósito do 5º centenário da publicação do Cancioneiro Geral



Garcia de Resende é uma voz da História por direito próprio porque a história portuguesa, nos alvares da época Moderna, ganha muito com aquilo que ele lhe acrescenta: uma visão íntima e apaixonada de um tempo de mudança, do qual ele faz parte como observador e como actor.

Está claro que a forma de ver os outros e o mundo à sua volta foi para Garcia de Resende profundamente regiocêntrica e teocrática, expressa através da *honra e virtude*. Mas, para além dos valores intrínsecos da espiritualidade cristã própria do seu tempo, também houve em Resende dons de humanista que lhe conformaram um pensamento racional, justo e ponderado.

Como qualquer bom cristão católico, também ele viveu na contradição da palavra. Pautou a vida pelos acordes celestes, fazendo disciplinas espirituais, escrevendo textos de devoção, comunicando da vida ascética dos

Irmãos Jerónimos do Espinheiro. Foi, de resto, Nossa Senhora da Assunção (ou de Agosto) o orago que ele escolheu para a sua ermida privada, pensada atempadamente como capela-memorial dos seus restos mortais, que ainda hoje se pode admirar no Convento do Espinheiro de Évora.

Foi esta mesma figura que se fez cronista régio e poeta cortesão. Talvez por ser autodidacta fosse apenas um sofrível executante nas artes da poética, da música e da pintura. Como cronista, ainda que de inegável fidelidade ao relato dos acontecimentos, nunca conseguiu fugir de um registo encomiástico, próprio da época, a que se auto-impôs, de resto, assumido explicitamente no prólogo da sua *Crónica de D. João II*: «eu quero antes sofrer a vergonha da repreensão que alguns me podem dar, que a dor que tenho do esquecimento que vejo; porque as muitas e estremadas virtudes, vitórias, e muito grandes façanhas que os reis fazem com a

lança, esqueceriam se não houvesse quem com a pena as escrevesse e louvasse».

A missão de Garcia de Resende foi, como parece óbvio, a de dar testemunho do seu tempo, como ele próprio o referiu no prólogo do *Cancioneiro Geral*: «Porque a natural condição dos portugueses é nunca escreverem coisa que façam, sendo dignas de grande memória». Foi também «burocrata» da corte, que viveu como escrivão da fazenda do Príncipe D. João.



Francisco Bilou

Técnico superior da Câmara Municipal de Évora nas áreas de Património, Cultura e Turismo, licenciado em História, Ramo Património Cultural e mestre em Arqueologia & Ambiente pela Universidade de Évora.

Protocolos e vantagens para **Associados/as**

A ASSP, como é do conhecimento de todos/as, tem como missão a solidariedade com todos/as os/as associados/as na preservação da sua qualidade de vida desenvolvendo, para tal, diferentes projetos e serviços, que não cabe aqui descrever.

Para além destes, uma das formas de potenciar a sua ação é investir na celebração de protocolos com entidades, públicas ou privadas, de diferentes ramos de atuação (comércio, saúde, estética, hotelaria...) que ofereçam ainda mais vantagens aos/às associados/as de todo o país. Estes protocolos ganham ainda mais importância pelo facto de poderem ser desfrutados por todos/as os associados/as, independentemente da Delegação a que pertença. De igual modo, pelo facto de muitos deles abrangem outros membros da família para além do/a próprio/a associado/a.

O presente texto serve para apresentar visualmente os protocolos mais recentes celebrados pela Delegação de Guimarães.

Atualmente temos protocolos com serviços de excelente qualidade em várias áreas, nomeadamente, hotelaria, ginásios e SPA's, serviços privados de enfermagem, clínicas (medicina dentária, psicologia, fisioterapia...),

residências seniores (para residência temporária e/ou permanente), óticas, centros de dia, cabeleiros, centros de estética e apoio domiciliário, espaços infantis, terapias alternativas, livrarias, centros de formação, escolas profissionais, entre outros.

De referir que todos os serviços disponibilizados pela Delegação também conferem vantagens e facilidades, seja no Apoio ao Estudo, Psicologia e Terapia da Fala para crianças e jovens, seja na assessoria jurídica e apoio a

projetos destinada a professores/as.

Como associados/as, podem também sugerir à Delegação a celebração de protocolos, referenciando serviços ou entidades nos quais gostariam de ter vantagens.

Para mais informações sobre as entidades com quem celebramos protocolos e respetivas vantagens, pode consultar-se o site oficial da ASSP (www.assp.pt) ou a nossa página do facebook ([f](#) ASSP Guimarães).



O SENTIDO DA VIDA

Nenhum de nós pediu para nascer e cada um de nós é lançado numa aventura palpitante. Para uns será sempre uma vereda florida, para outros – a maioria – o caminho é pedregoso, com alguns perigos, com altos e baixos, e de quando em quando com paisagens belas que provocam um sentimento de felicidade e bem estar inesquecível.

Há uns tempos li um livro dum psiquiatra cuja primeira linha rezava assim: “A vida é difícil. Ponto final”. Na realidade ninguém melhor que os médicos podem ter uma visão da vida com todos os seus bons e maus momentos. E ninguém melhor que um médico quase nonagenário para poder ter uma visão correta do que é a vida pelo contacto com tanta história de vida dos seus pacientes e por, ele próprio, ter quase 9 décadas de vida. E é esse meu testemunho que quero aqui transmitir a quem me ler, e confirmar que “a vida é difícil. Ponto final”. Passada a infância em que se alicerça todo o futuro pelo manancial de amor recebido, vem a adolescência, com um longo futuro por diante, pleno de sonhos e de aspirações. Vem a inundação hormonal dando corpo à vida sexual, à procura dum outro com quem partilhar o caminho. E aqui começam os trabalhos – libertar-se da tutela dos pais, sentir-se e apoderar-se do sentido da liber-

dade, mas também dar corpo à necessidade de temperar o sonho e as suas tentativas de realização com a prudência, a consciência da dignidade do outro (seu irmão, no sentido bíblico), pensar que cada um de nós nos construímos a nós próprios. Fisicamente no que comemos, no exercício maior ou menor que fazemos, Psicologicamente no que realmente sonhamos e fazemos, mas principalmente na maneira como fazemos. “Ama e faz o que quiseses” disse um dia S. Agostinho. E tudo o que viermos a ser depende do tal manancial de amor que recebemos na infância, e o restante é obra da nossa própria construção e depende da maneira como amarmos o nosso próximo e da obra que formos deixando pelo nosso caminho – e tudo isto dá trabalho, enfrenta obstáculos, obriga a saltar valas e muros.

Mas entre os momentos de dor e sofrimento vivemos os tais momentos de bem estar e felicidade que nos enchem de satisfação e nos deixam um manancial de recordações que em qualquer momento podemos trazer à mente e saborear – nenhum desses momentos se perde. Roda Terra, passam os anos e as décadas, olhamos para o caminho andado e sentimos orgulho na “pegada afectiva” que deixámos pelos caminhos, mesmo que pedregosos.

É este o sentido da vida, construirmo-nos a nós próprios no afecto, ajudarmos a família e a sociedade a viver na amizade e na solidariedade – para tal não podemos ser acomodados nem conformados com o mal que nos rodeia, temos – isso sim – de ser participantes na construção dum mundo melhor. Para tal não podemos ser espectadores da vida mas sim actores dessa construção.

Por isso digo com frequência, repito, apesar das dores e dos obstáculos, que belo é viver e ter muitos anos...desde que a nossa “pegada afectiva” seja uma realidade visível.

E para isso é apenas necessário (a) ter Algo em que acreditar; (b) ter alguém com quem partilhar e (c) um objectivo para alcançar.



Mário da Silva Moura

Médico – Humanista com larga intervenção cívica.

Presidente Honorário da Associação Portuguesa dos Médicos de Medicina Geral e Familiar.

1.º Prémio Miller Guerra.

Elementos para um Balanço

Estamos a terminar um ano de mandato.

Muito foi feito, apesar de haver um mar por fazer.

Temos a certeza de que vamos lá chegar e de que, no caminho, teremos ainda muitos fogos para apagar.

O QUE JÁ FIZEMOS

Reorganizámos totalmente o PLANO DE ACTIVIDADES E ORÇAMENTO, PARA 2017.

Garantimos a presença quase diária de um ou mais elementos da DN na sede.

Elaborámos e aprovámos o Regulamento da DN e do Conselho Nacional.

Assegurámos a presença de elementos da DN em eventos de relevo nacional: homenagem da CM de Portalegre à ASSP; comemoração do 35º Aniversário da ASSP; inauguração do novo espaço da Delegação dos Açores; homenagem ao Dr. Peres Claro; 25º aniversário da Delegação de Leiria e Festa de Nossa Senhora das Dores na Casa da Torre.

Visitámos 12 das Delegações da ASSP algumas das quais mais do que uma vez.

Estudámos os empreendimentos do Pechão e da Casa da Torre.

Analisámos as tabelas de Dependência para aplicação nas ERI.

Reflectimos de forma sistemática, com os Presidentes e Tesoureiros das Delegações com ERI, sobre informação financeira e de gestão que permitisse a melhoria da qualidade dos serviços prestados.

Debatemos, com as Direcções das Delegações, a solidariedade e a co-responsabilidade financeira inter-Delegações.

Revimos os critérios de afectação dos recursos financeiros às Delegações

Mantivemos e assegurámos níveis adequados de disponibilidade financeira para garantir o bom desempenho das actividades.

Inventariámos o Património Imobiliário da ASSP.

Resolvemos a inexistência de listas candidatas a 5 Delegações: duas através de eleições e as outras por nomeação de Comissões Administrativas.

Abrimos um espaço próprio para a Delegação do Porto.

de Dez Meses de Mandato

Actualizámos o processo de Avaliação de Desempenho dos Recursos Humanos.

Organizámos o Plano de Formação dos Funcionários e dos Voluntários com cargos de chefia.

Realizámos Inquéritos de Satisfação aos Utentes das Residências, aos seus Familiares assim como aos Funcionários das Residências e das Delegações.

Valorizámos o Papel do Conselho Nacional fazendo deste órgão um espaço de diálogo e da obtenção de consensos.

Lançámos a ASSPNews.

Criámos a Pasta Partilhada que já conta com 4 números .

Reorganizámos os Serviços Centrais.

Intervimos no edifício da Sede Nacional para adaptar os espaços às novas necessidades.

Preparámos documentos - ainda não divulgados - com as linhas e directrizes de utilização da Internet, Correio Electrónico, Utilização de Email e do Plano de Segurança para os Serviços Centrais.

Continuar a elaborar o Plano Estratégico para a ASSP.

Estabelecer contactos formais com Associações Nucleares de Professores e estabelecer protocolos com as mesmas.

Organizar formação contínua acreditada em eLearning e bLearning em parceria com a Universidade de Évora e com o *Centro de Formação Beatriz Serpa Branco*.

Actualizar os meios de comunicação da ASSP: Site, Facebook, Newsletter, BI, e outras ferramentas de apoio à divulgação da Associação.

Elaborar o Regimento do Núcleo.

Preparar propostas para os Regulamentos das Assembleias de Associados e do funcionamento de outras estruturas da ASSP.

O QUE ESTAMOS A FAZER

Elaborámos o primeiro Manual ASSP F3M (Utentes, Tesouraria e Contabilidade).

DELEGAÇÃO DE LEIRIA

25 ANOS



Cumprir 25 anos de vida é feito assinalável e quisemos dar-lhe comemoração condigna num Almoço de Aniversário, que fizemos coincidir com o Dia Mundial do Professor – 5 de Outubro – uma efeméride que tradicionalmente lembramos.

Aderiram cerca de 90 participantes, incluindo algumas entidades oficiais que aceitaram o nosso convite: Dr.^a Anabela Graça, Vereadora da Educação, em representação da Câmara Municipal de Leiria; José Cunha, Presidente da União de Freguesias de Leiria, Pousos, Barreira e Cortes; Dr.^a Helena Malaquias, representando a Direcção da ASSP.

Abrimos com a palestra “A importância da água nos países em desenvolvimento”, pelo Eng.^o Cláudio de Jesus, que prendeu a atenção do auditório pela pertinência do tema, clareza e vivacidade da apresentação, deixando-o a reflectir sobre a importância

da Educação para o uso equilibrado desse bem indispensável.

Ao convívio da refeição, que incluiu bolo de aniversário e espumante, seguiu-se a animação musical oferecida pelo grupo “Voice Mail”, um prazer para o ouvido e um convite à dança que muitos não recusaram.

Entretanto foi sorteada a tela oferecida pela associada Helena Cautela, dado que foram vendidas todas as rifas – uma das fontes de receita da nossa Delegação.

O 25º aniversário da Delegação de Leiria, que teve aqui o seu ponto alto, começou a ser comemorado no lanche de 6 de Maio, dia em que foi oficialmente criada, em 1991. Existia em Leiria, já há alguns anos, uma associação informal de professores, que se integrou na ASSP, e que trabalhava para dar resposta à necessidade de criação de Lares para Professores, manifestada no documento saído dum encontro de docentes do Ensino Primário, em 1971.



Histórias e Lendas em Denominações Regionais

"Julgamos não fugir à verdade se dissermos que as lendas (histórias) contêm resquícios de verdade!"

VILA DE CORUCHE

Permitam que primeiro vos conte a lenda que terá dado origem ao nome da minha terra natal a que Heraldo Bento, poeta popular conterrâneo chama "Princesa do Sorraia" espreguiçando-se ao longo do rio".



Aquando da conquista de Santa-rém, D. Afonso Henriques terá parado com o seu exército num alto monte donde se admirava a extensa planície e avistou, sobre alguns pinheiros, umas aves que, como nortenho o rei desconhecia e lhe pareceram muito estranhas: não esvoaçavam, não faziam cantar ou gorjeio, pareciam até adormecidas em pleno dia. Curioso, o monarca na sua linguagem com raiz na língua paterna (o Conde D. Henrique de Borgonha) tentou fazer-se entender pedindo informações aos soldados e camponeses. Ficou assim a saber que as aves que se avistavam eram aves noturnas e que devido à especificidade dos

olhos ficavam cegas com a luminosidade diurna, mantendo-se então, por isso, adormecidas. Era só de noite que acordadas voavam e procuravam o seu alimento. Chamavam-se **Corujas**.

Informado que foi sobre o nome das ditas aves, D. Afonso Henriques determinou que aqueles territórios ficassem com a denominação que a bela branca vila até hoje, orgulhosamente mantém: **CORUCHE**.

Esta lenda ficou assinalada no brasão municipal através do desenho de duas corujas pousadas sobre pinheiros. A fachada do Castelo lembra uma fortaleza que em tempos existiu no monte sobranceiro à vila e cujas muralhas minha mãe me dizia ainda ter conhecido. Atualmente resta a Capela de Nossa Senhora do Castelo e um miradoiro com pequenos assentos.

O esplendor da paisagem que dali se desfruta continua a encantar habitantes e visitantes.



Graffiti das Corujas símbolo da Vila

ATOUGUIA DA BALEIA

Atouguia da Baleia está situada entre Peniche e a bela praia do Baleal, onde passei férias com naturais da povoação. Por esta razão ouvi contar várias vezes a Lenda – História que deu origem ao nome da povoação acima citada.

Há muitos anos, pescadores daquela zona marítima avistaram certo dia, perto da costa, algo de grandes dimensões. Entram no mar para conseguirem uma correta avaliação e com espanto verificaram tratar-se de uma baleia morta que os movimentos das marés trouxera até à costa.

Resolvem fazer o seu reboque para o areal. As fortes cordas que utilizam nos seus barcos foram atadas à baleia. Dividem-se então

em dois grupos, um fica em terra, o outro dentro do mar, junto ao dito mamífero. O grupo que ficou em terra atira as cordas para os companheiros que estavam no mar e exclamam em alta voz: ATA; do grupo de pescadores situados junto da baleia, um deles responde-lhes, gritando: **"ATOU... GUIA"**. A manobra levou certamente o seu tempo devido ao peso a arrastar. Assim, é natural que as exclamações se repetissem várias vezes: **"ATOU...GUIA"**, **"ATOU... GUIA"**, **"ATOU ...GUIA"**. Deste modo me contaram os habitantes daquela povoação a lenda que deu origem à sua nomenclatura: **ATOUGUIA DA BALEIA**. Em Atouguia da Baleia, mesmo junto à estrada, é digna de visita uma majestosa Igreja em

estilo barroco edificada com donativos da população e terminada em 1698. Ali se encontra guardada uma muito antiga imagem da sua padroeira N^a S.^a da Conceição que esteve muitos anos numa pequena capela, até ser definitivamente transferida para esta imponente Igreja.



NOTA: estas histórias são-nos contadas pela nossa amiga e associada (nº 11823) Maria Isabel Pereira

Marceliano Ribeiro de Mendonça

Grande impulsionador da instrução pública na Madeira

Marceliano Ribeiro de Mendonça, entre 1850 a 1866, foi comissário de estudos e, por inerência do cargo, reitor do Liceu Jaime Moniz. Durante dezasseis anos, desenvolveu um trabalho notável no alargamento do ensino primário. Nos seus relatórios sobre o estado literário, material e organizacional das escolas primárias particulares e públicas, alguns deles publicados na revista científica *O Instituto*, da Universidade de Coimbra, é bem patente a preocupação deste comissário sobre os métodos de ensino pouco eficazes que professores utilizavam. Para colmatar a falta de formação pedagógica desenvolveu várias sessões formativas através da *Associação de Conferências*, por si fundada, e do *Semanário Oficial*, editado pela

tipografia do Palácio de São Lourenço. Além de esclarecer os professores sobre os métodos de ensino instituídos, dava orientações bibliográficas e metodológicas para a aquisição do conhecimento de cada uma das matérias em que os candidatos ao exercício do magistério iriam ser examinados. Prosseguindo o objetivo de uniformizar a ação pedagógica nas escolas primárias madeirenses, criou, numa atitude pioneira, um extenso e minucioso normativo regional - *Regulamento interno das escolas deste distrito* -, aprovado por portaria do Ministério dos Negócios do Reino, de 12 de maio de 1856.

Inicia funções de docente no Liceu do Funchal em 1836, ensinando as línguas portuguesa e

latina e regendo, depois, a cadeira de filosofia. Entre março de 1837 e abril de 1838 é nomeado secretário do Conselho Provincial da Instrução Pública, criado em conformidade com o artigo 34.º do Decreto de 15 de novembro de 1836, para tratar essencialmente dos assuntos da instrução primária.

Como poeta e escritor publicou, entre outros, *Princípios de Gramática Geral Aplicados à Língua Latina* (1835); *Filosofia em Coimbra e no Funchal* (1852); *Elementos de Filosofia Racional e Moral* (1862); *Método Paralelo de Leitura e Escrita* (1835).

Nasceu no Funchal a 18 de abril de 1805 e faleceu a 5 de agosto de 1866.

Filomena Lume

Bibliografia:

FLORENÇA, Teresa e LUME, Filomena, "Escolas de habilitação para o magistério primário, na Madeira (1900-1982)", in PINTASSILGO, Joaquim (Coord), *Escolas de Formação de Professores em Portugal*, Lisboa, Edições Colibri, 2012, pp. 287-331.

LUME, Filomena "O Estado da Instrução Primária no Distrito Administrativo do Funchal (1845-1859)", in CARVALHO, Marta, PINTASSILGO, Joaquim (Orgs.), *Modelos culturais, saberes pedagógicos, instituições educacionais. Portugal e Brasil, histórias conectadas*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2011, pp. 421-462.

Os Salários dos Professores

A Rede Europeia EURYDICE, em Outubro, publicou uma série muito interessante de dados comparativos sobre os salários dos Professores na Europa.

A situação salarial dos docentes, em Portugal, é singular: o vencimento máximo previsto na carreira é, em percentagem do PIB, dos mais elevados; todavia o salário que auferem actualmente é dos mais baixos.

Porquê?

Em Portugal, a progressão na carreira é determinada pelo tempo de serviço. Cada Professor, para chegar ao topo daquela, leva 34 anos o que, comparado com a Irlanda, (22), Chipre (22) e a Holanda (15), nos coloca numa situação confrangedora. Isto para não falarmos nos casos especiais do Reino Unido e da Dinamarca onde 10 anos podem ser suficientes!

A agravar esta situação está o congelamento das carreiras há já 11 anos.

Apesar da maior parte dos Professores ter mais de 40 anos de idade, o facto é que sua maioria se situa aquém do

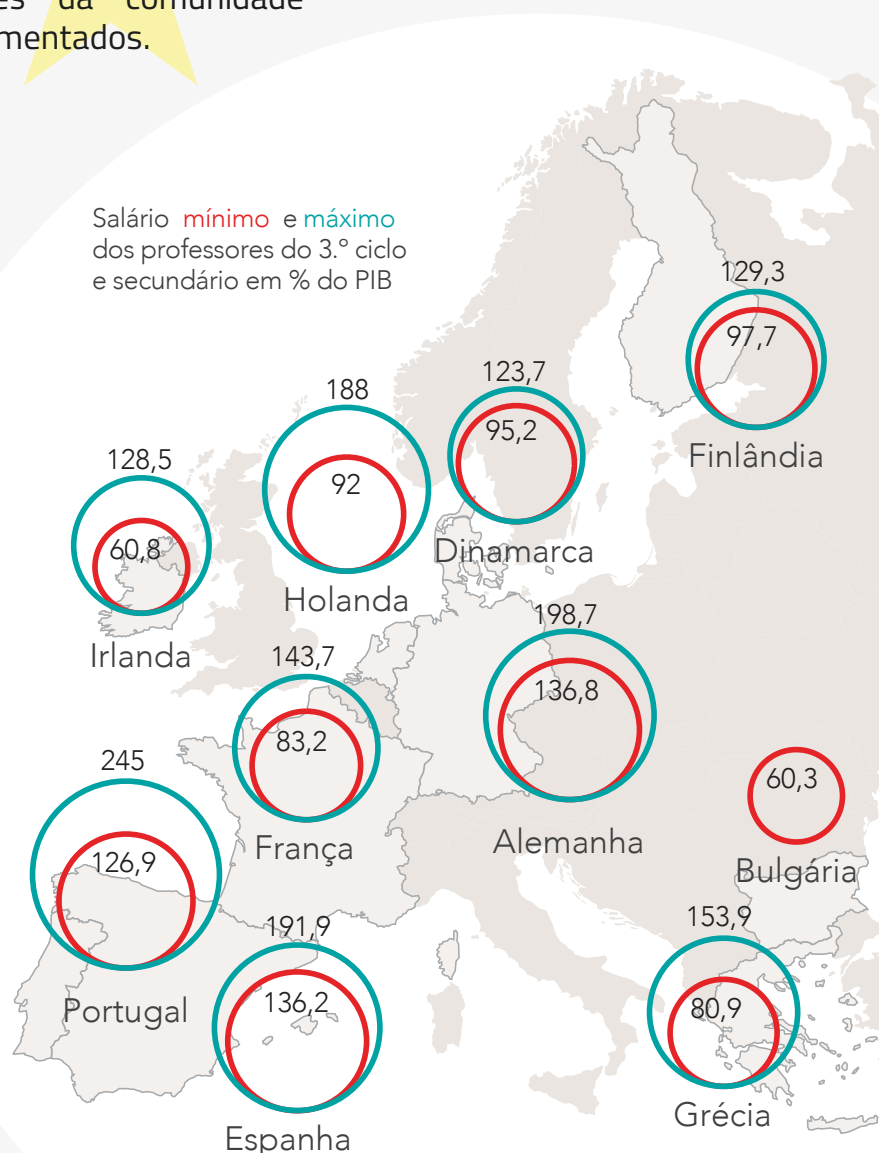
meio da carreira para efeitos de vencimento.

O relatório da EURYDICE menciona ainda que, depois da crise económica de 2015-2016 (por cá foi mais longa...), os salários dos Professores de 24 países da comunidade foram aumentados.

O caso português, neste âmbito, também é original: o aumento deve-se à reposição dos cortes salariais aplicados, em 2011, à função pública.

Está tudo explicado!

MS



Fonte: Eurydice - PÚBLICO - Quinta-feira, 6 de Outubro de 2016

A Feira das Cebolas em Portalegre



Criada por alvará de 3 de Agosto de 1753, substituíam-se assim a que se fazia no mês de Maio, em benefício dos “meninos expostos”.

Até aos anos 90 do século passado, realizou-se no Rossio, no antigo Passeio Público e Rua de Oliveira. A feira do gado tinha lugar ao topo do referido jardim.

Foi esta ocasião escolhida, desde sempre, para a inauguração de melhoramentos locais (iluminação a azeite – 1853; 1863 a petróleo; 1901 electricidade) e, em 1894 e 1898, foi a vez das praças de touros D. Luís do Rego, onde hoje vemos o Centro Comercial Fontedeira e a Jacinto Serrão, de madeira, junto ao muro de S. Bernardo).



Em 1921, a banda de Infantaria 22, recebe a cruz de Guerra de 1ª classe e, em 1927, é inaugurado o busto do Dr. Rodrigues de Gusmão, e o descerramento

de uma lápide na casa onde nasceu, na Rua da Mouraria; em 1929, foi a vez da rede urbana telefónica.

Nos anos de 1912 e 1913, a cidade organiza, pela 1ª vez, as Festas da Cidade e assistiu-se a um programa variado, com a atuação das Bandas da Marinha e da Guarda Nacional Republicana.

No início da década de 60, tomou novo alento, com variadas exposições, futebol, concurso de montras, atuação de bandas, iluminações pelo Passeio Público e rua do Comércio. Por volta das duas da madrugada, vistoso fogo-de-artifício lançado das Serras da Penha ou Portalegre emprestava um brilho muito especial à ocasião.

Era também o pretexto para o encontro de familiares e amigos, que haviam procurado a sorte na zona industrial de Setúbal ou Lisboa.

Mas a feira era também o momento de consagração de um Verão árduo de trabalho. Moças havia, que se davam ao luxo de estrear um fato novo em cada dia da feira, sendo o dia 14, o dia do meio, aquele em que o traje deveria ser mais rico e pomposo.



Depois, era passear até altas horas da madrugada no Passeio Público, por entre as barracas de quinquilharia, comprando, quem sabe a última peça do enxoval! Uma volta de avião ou nos carros elétricos era ritual obrigatório.

Havia ainda o aguadeiro, a música no coreto, carrosséis, barracas da massa frita e cheiroso café, a cigana que lia a sina e o retrato à la minute...

Mas feira sem ciganos, não era verdadeiramente feira. Da venda, compra ou troca de gado, do “conto do vigário”, faziam os ciganos a sua permanência.

À noite reapareciam nas tabernas. De um animado começo de serão com música e cantares, assistia-se, não poucas vezes, a cenas de pancadaria e intervenção policial, quando, enfim, o tinto começava a subir.....

Eram outros tempos!

Isilda Garraio





O Homem do Leme

Seria difícil fixar nesta página a galeria de pessoas distintas, dado o seu elevado número, que fizeram desta cidade do Porto o que ela é hoje.

Devemos estar gratos por termos nascido e vivido neste meio frenético e criativo. Aquela aldeia da ponte, como era conhecida há décadas atrás, não passou de um estereótipo centralista que o nevoeiro protegeu. Hoje a sua fama mundial não vem do vinho generoso, mas do seu *terroir* único. Este termo diz mais do que parece.

A sua riqueza está também na contribuição anónima na invenção do quotidiano.

Mas vamos por partes. Desta vez selecionamos um passado recente, um quase presente, de um homem gigante que não deixou de ser comum.

Estamos a falar do escultor José Rodrigues com quem, ainda há pouco tempo, podíamos falar à mesa de um café.

De facto, a 10 de Setembro deste ano, ainda não tinha acabado o verão, o Zé partiu. Deixou saudades e uma grande e diversificada obra que sucintamente apresentamos, em jeito de homenagem.

Com este exemplo sentimos uma responsabilidade acrescida no querer fazer da sede ASSP do Porto um lugar que não comprometa o protagonismo da cidade nem defraude as expectativas dos nossos associados.

Sentimos a força deste legado quando um património tão importante como é a ASSP reclama o empenho de todas as pessoas para o manter vivo e atuante.

José Joaquim Rodrigues nasceu em Angola a 21 de Outubro de 1936.

Em 1963 concluiu o Curso de Escultura na Escola Superior de Belas Artes do Porto onde foi depois Professor e Diretor. Também no Porto, no mesmo ano, fundou e presidiu à Cooperativa de Ensino Artístico Árvore, uma reconhecida e viva instituição cultural.

Em 1968, juntamente com Armando Alves, Ângelo de Sousa e Jorge Pinheiro, grandes nomes da pintura portuguesa, formou o grupo *Os Quatro Vintes*, por referência à nota máxima na conclusão do curso.

Em 1974 comprou e recuperou o Convento de São Paio, em Vila Nova de Cerveira, para residência, oficina de trabalho e um espaço para exposições.

Tornou-se, entretanto, num



importante Centro Cultural.

Foi também um dos promotores da Bienal Internacional de Cerveira, instituída em 1978.

Para além da escultura em metal, pedra e cerâmica, dedicou-se ao desenho, à ilustração para livros de escritores e poetas. Gravou centenas de medalhas para diversas entidades e realizou cenografias para grandes e pequenas salas de teatro em Portugal e no estrangeiro.

Em 2008 comprou e restaurou uma antiga fábrica de chapéus

localizada na Rua da Fábrica Social em Santo Ildefonso, no Porto, um espaço que utilizou como atelier e deu lugar à Fundação Escultor José Rodrigues. É hoje considerado um dos maiores nomes das Artes Plásticas portuguesas.

Graças à sua atividade artística de reconhecido valor, tão intensa quanto variada e provocatória, afinal o seu próprio modo de estar enquanto homem e cidadão, tornou mais rica a galeria dos homens bons e talentosos do Porto e do Norte.

Caríssimos Associados, precisamos, urgentemente, de receber os vossos dados atualizados

Leituras Possíveis sobre as Imagens da Mulher

Ao percorrer um museu ou folhear uma História de arte, verificamos que a imagem da Mulher preenche a quase totalidade dos espaços e das páginas que observamos. Tal como os vestígios materiais recolhidos pelos arqueólogos, as várias manifestações artísticas podem, da mesma forma, ser testemunho do pensamento do homem, num determinado tempo e espaço, sem deixar de exercer sobre elas os métodos usados para outros documentos, mesmo os escritos, ou seja, a dose de crítica e realismo que cada época exige ao artista.

Assim sendo, perante uma representação feminina, devemos interrogar-nos sobre a sua intenção. Até ao século XX, toda e qualquer imagem tinha um fim, fosse na vida privada ou na vida pública, sendo que nesta última, o fim era sempre a divulgação duma doutrina, dum pensamento instituído ou de luta contra essa doutrina ou simplesmente uma forma de publicidade. Assim, verificaremos que o criador tem de imprimir na imagem atributos subjetivos que o induzem a reforçar as formas, as atitudes, o

enquadramento, tal como se pode observar na força, na candura, na dor e outros sentimentos impressos nas diversas imagens de Mulher.

Temos como exemplo, o sofrimento expresso no rosto do autorretrato de FRIDA KALO e o poder dominador na pose de mulher plena de virilidade da *Duquesa de la Salle* da autoria de *Tamara de Lempica*, pinturas do primeiro quartel do séc. XX, ambas executadas por mulheres, (caso raro na pintura, pois é quase exclusivamente a visão do homem que perpassa nas representações femininas).



E se essa visão é, na sua composição, portadora das características da corrente pictórica em que o autor se insere, ela é também veículo da mentalidade dominante da época. Assim, cem anos antes, a *duquesa de la Salle* não teria ousado posar vestida de amazona, desafiando a sua

classe e a coragem do pintor. O papel da mulher, como bem sabemos, era o de filha, esposa e mãe protetora, companheira complacente e submissa.

Tal como no retrato de *Cornelis Anslo* com sua esposa *Aeltje*, da autoria de *Rembrandt* (1641), aquela ouve atentamente as sábias palavras de seu esposo e concorda, com a calma e o bom senso característicos da sua condição. É, aliás, esta imagem da mulher que permanece durante décadas nos retratos de família, a imagem da ternura, fragilidade, vulnerabilidade, complacência, serenidade. Mas o reverso da medalha também acontece e é por demais curioso. Lembrar que “Eva foi a primeira a transgredir cedendo à tentação da serpente, a sua falta irá recair sobre a humanidade e ao sexo feminino será sempre atribuída a origem do mal”.





*Se pudermos ser um rutilo farol de
Esperança e diligentes obreiros da
Paz será mais feliz o Natal 2016
e o Ano 2017.*

A Direção

MEU NATAL DE PEQUENINO

Ai como eu me lembro do Natal da minha terra, do meu Natal de pequenino! Ele começava para mim mal os picos da Estela estendiam sobre os ombros seu opulento manto de arminho. No ar pairava a percepção de que algo de importante ia acontecer, os adultos eram mais amáveis, as crianças mais alegres.

E era com entusiasmo e convicção que armava, com meus irmãos, o presépio ingênuo feito de palha, pratinhas de chocolate e musgo, enquanto minha Mãe se afadigava a fritar as filhós. Ai como ficava radiante quando me deixava atirar um boneco de massa para dentro da frigideira, vendo-o saltar e dançar, malucamente, no azeite a ferver. Lá fora, no adro da igreja, ardia o madeiro atizado pelos homens e rapazes da aldeia, cantando canções do Natal ao som da música do vento. À meia-noite era missa do galo.

Quando o frio me mordida as orelhas é que me chegava à braseira onde a família enchia os pés de frieiras. Era então, naquele ambiente cálido, que o pensamento me

voava para o Menino que ia nascer sobre uma manjedoura. Que pena minha casa não ter manjedoura! E ficava a sonhar com esse Bebê que chegaria quando o sono tivesse vencido a minha teimosia em assistir à Sua chegada, a deixar-nos prendas no sapatinho cuidadosamente colocado na lareira.

Um dia, não sei bem como, tive a percepção de que não era o Menino Jesus que trazia as prendas, mas sim meus Pais. Não os julguei por me terem andado a enganar. Antes, na minha alma, nasceu um profundo sentimento de gratidão pelas horas de felicidade que trouxeram à minha infância. E continuei a colocar o sapatinho junto ao fogão, agora com o propósito inda mais firme de merecer aquelas prendas modestas que eu sabia agora adquirir-las com muito sacrifício.

ANTÓNIO MATOSO
Sócio n.º 27 da ASSP
Aos 96 anos de idade



De Professora a Artesã

O sonho que se materializa todos os dias

Visitámos Paula Prata no seu ateliê, espaço de criação, onde nos falou do seu percurso de vida, da sua arte e do seu processo criativo.

Com formação em artes, lecionou em várias zonas do país. Foi convidada para formadora da APPCDM de Viseu, período que despoletou a sua sensibilidade criativa. Começou, então, a fazer uma mostra de trabalhos que ia produzindo, nas feiras medievais,

artesanais e exposições em espaços públicos. Como estes eventos coincidiam, frequentemente, com a época natalícia, incluía sempre alguns presépios que começaram a ter muita recetividade. *"Foram os clientes que despertaram em mim o gosto pelos presépios, o que se tornou um desafio constante".*

Molda, com mestria, as massas polímeras que mistura com elementos da natureza, recolhidos nas suas viagens de norte a sul, sempre acompanhada pelo marido. O seu olhar criativo transforma em arte aquilo que passa despercebido aos olhos comuns. Todos os anos cria

novos modelos que vai acrescentando ao seu catálogo, enriquecendo a produção.

A execução do seu trabalho é, em parte, resultante do gosto dos clientes porque considera que *"se as pessoas pedem é porque gostam. Faz-me bem sentir o apelo, eleva-me a autoestima."* E, com um sorriso no rosto, acrescenta *"trabalho por gosto e não trocaria a minha profissão por nenhuma outra."*

Atualmente, o seu mercado estende-se por todo o país. Vende para muitas lojas de artesanato, para o Museu Interativo de Fátima e recebe encomendas de prestigiados colecionadores (Siza Vieira, Padre Melícias, entre outros).

É, também, certificada em "Arte de Trabalhar Materiais Sintéticos."

Ao longo da nossa conversa com a Paula, em ambiente acolhedor e familiar, onde o marido é presença constante, fomos sentindo que estávamos perante uma MULHER empreendedora e realizada.



Paula Prata
ppartesanato@gmail.com
Telm: 961380933



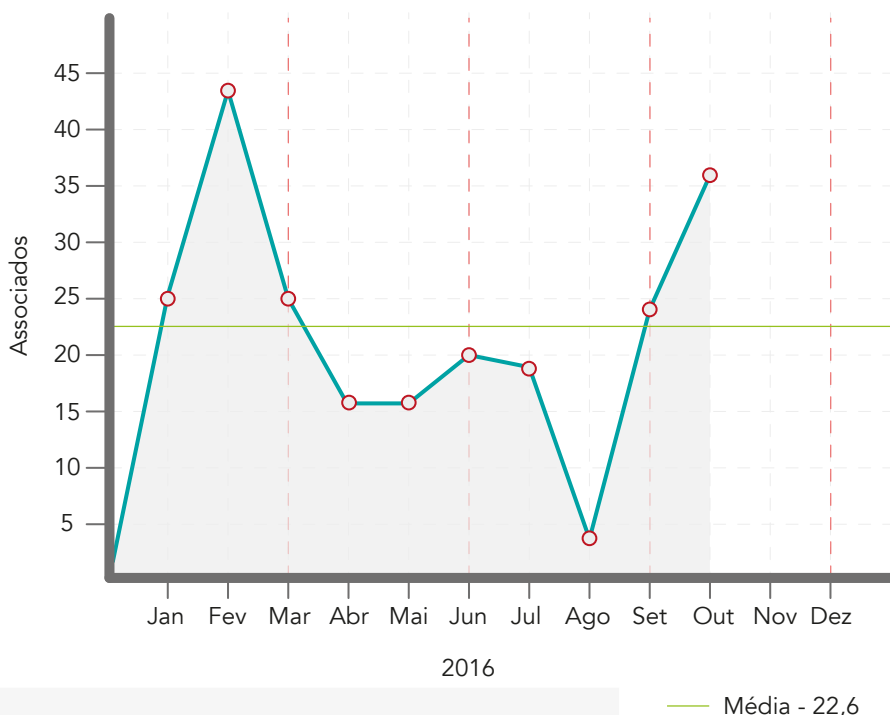
Novos Associados

No Plano de Acção com que a actual Direcção Nacional se candidatou, propúnhamos **"Aumentar a base de Associados de forma contínua e sustentável."**

Desde a nossa tomada de posse, esta é uma preocupação premente. Todavia, tem-nos sido impossível dar uma resposta cabal, à altura das necessidades.

Na construção do Plano Estratégico temos de abrir os caminhos para ultrapassar as dificuldades com que, no dia-a-dia, nos confrontamos para contactar os Professores e convencê-los de que a ASSP é uma Associação indispensável, que é a sua Associação.

O gráfico representa o número de novos associados, ao longo dos primeiros 10 meses do ano de 2016. Sobre ele devemos reflectir.



Informação 36º Aniversário da Assp

As comemorações do 36º Aniversário da ASSP, a cargo da Delegação de Santarém, vão integrar várias actividades que culminarão, no fim-de-semana de 26/27 de Maio, com alguns eventos a divulgar em breve.

Proximamente haverá muito mais notícias.

Homenagem ao Dr. Peres Claro

Realizou-se em Setúbal, no passado dia 6 de Outubro uma homenagem ao Dr. Peres Claro.

A Direcção Nacional delegou a sua representação na sua Vice-Presidente, Maria Helena Malaquias que na sua intervenção disse:

Lê-se no editorial do último Acontecer da Delegação de Setúbal o seguinte:

...O Dr. Rogério Noel Peres Claro foi o fundador da residência de Setúbal, primeiro residente e arcou, durante muitos anos, com o peso da sua gestão. Foi além do mais um Amigo,

sempre presente, de todos os companheiros de residência. Lembrar e respeitar o Passado, viver com dignidade e responsabilidade o Presente é alicerçar o Futuro e esse pertence às gerações mais novas. Daí o nosso crescente apelo, solicitando o vosso empenhamento na continuidade da ASSP.

A Direcção Nacional da ASSP não tem mais nada a acrescentar.

Apenas salienta que, sendo a Associação um todo, quando uma Delegação está feliz e homenageia um dos seus, todas as restantes partes

partilham esse momento.

Para além do fundador da Casa de Setúbal, o Dr. Peres Claro foi um dos Vice-Presidentes da Direcção Nacional da ASSP, eleito presidente honorário pela sua dedicação ao cumprimento da Missão de solidariedade que nos orienta.

A Associação precisa do empenhamento de todos, mas o seu crescimento só será possível se encontrarmos figuras como este nosso associado que sirvam de motivação aos mais novos, dando à ASSP a visibilidade que ela merece.



Casa da Torre, uma joia de Sobrosa



A Casa da Torre (de baixo), situada no concelho de Paredes, é um dos testemunhos mais relevantes da história de Sobrosa. Construída no século XVIII, a ela estão ligadas ilustres personagens da região cujo apelido, Torres, deu origem ao nome da casa. A sua Capela, em honra de Nossa Senhora das Dores, apresenta um belíssimo altar em talha dourada, também do mesmo século.

O último descendente da família foi Alice Torres Maia Magalhães, solteira, professora, que doou muito do seu património à Associação de Solidariedade Social dos Professores, ASSP, organização que ela própria ajudou a fundar. A Casa da Torre faz parte desse espólio.

Depois de ter permanecido durante bastante tempo em estado de grande degradação, a Casa da Torre e Capela foram agora recuperadas pela ASSP, mantendo-se o exterior com a mesma traça e o interior, apesar de modernizado, respeitando também a estrutura antiga.

É um espaço lindíssimo, orgulho da Associação, que se destina a turismo rural.

A actual Direcção Nacional da ASSP, procurando rejuvenescer uma tradição antiga, abre as suas portas à comunidade, programando convívios e eventos atractivos.

Inserida nesse programa, realizou-se a procissão de Nossa

Senhora das Dores, no passado dia 25 de Setembro, que percorreu o espaço Capela, Cruzeiro, Capela, o que permitiu juntar, em agradável convívio, numa das salas da Casa da Torre, alguma da população de Sobrosa. Estiveram presentes a Direcção Nacional da ASSP e a Comissão Administrativa da Delegação do Porto. Este evento mereceu a colaboração preciosa de associados, de que se destaca o Engenheiro Cristiano Marques e foi presidido pelo Sr. Padre Francisco Rocha.

Estamos convictos de que esta foi apenas uma das muitas razões que vão atrair a população de Sobrosa à Casa da Torre, joia do património nacional.

BOAS FESTAS

No final do seu primeiro ano de mandato, a Direcção Nacional deseja a todos os restantes Órgãos Sociais da ASSP e a todos os Associados Boas Festas e um Ano Novo cheio de alegria.

Agradece, publicamente, a inestimável colaboração de todos - Associados e Colaboradores - quantos deram o seu melhor para manter e engrandecer esta Associação que é motivo de orgulho dos Professores deste país.

